

**Análise da Prática da Automedicação em Profissionais da Área da Saúde que atuam no
Curso de Medicina da UNIPLAC em Lages- SC**

**Analysis of Self Medication Practice in the Area of Health Professionals who work in the
Medical School of UNIPLAC in Lages- SC**

**Análisis de la Práctica de Automedicación en Profesionales de la Salud que trabajan
en el Curso de Medicina UNIPLAC en Lages- SC**

Recebido: 08/05/2020 | Revisado: 08/05/2020 | Aceito: 15/05/2020 | Publicado: 30/06/2020

Luis Felipe Stella Santos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7982-3875>

Universidade do Planalto Catarinense, Brasil

E-mail: felipestella2017@gmail.com

Marli Adelina Souza

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4275-5095>

Universidade do Planalto Catarinense, Brasil

E-mail: mas2souza@gmail.com

Pâmela Mayara da Silva Cassemiro

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3252-2594>

Universidade do Planalto Catarinense, Brasil

E-mail: pam.casse@hotmail.com

Patrícia Alves de Souza

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4543-1632>

Universidade do Planalto Catarinense, Brasil

E-mail: passpb@gmail.com

Resumo

O estudo buscou investigar a prática da automedicação em profissionais que atuam no curso de medicina da Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC), no Município de Lages, SC. A automedicação consiste na prática da utilização de medicamentos sem a prescrição e/ou a supervisão do profissional médico. Apesar de errônea e perigosa, é bastante comum e cada vez mais frequente no meio acadêmico e social. A pesquisa foi realizada através da aplicação de 42 questionários a fim de coletar dados do perfil sociodemográfico de cada entrevistado,

como também informações a respeito da prática da automedicação pelos mesmos, mediante a aceitação e assinatura do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido). Apurado que 6,19% dos participantes pertenciam ao sexo feminino; 92,86% possuíam renda familiar média superior a 4 salários mínimos; 90,48% afirmaram praticar a automedicação e destes mais de 40% de forma frequente. Outro dado preocupante refere-se ao conhecimento do bulário dos medicamentos, onde quase um terço dos participantes, não tinham conhecimento à respeito do bulário e conseqüentemente dos possíveis efeitos colaterais e as reações adversas. Com base na análise dos resultados e na revisão da literatura, constata-se que a falta de uma legislação mais rigorosa no controle da dispensação de medicamentos, fato que ocorre atualmente apenas com algumas classes medicamentosas, aliada a presença frequente de sugestões medicamentosas sem a solicitação de um exame clínico adequado, são os principais fatores que contribuem de forma a alimentar a cultura da automedicação.

Palavras-chave: Automedicação; Profissionais da saúde; Curso de Medicina.

Abstract

The study aimed to investigate the practice of self-medication among professionals working in the medical school of the University of Santa Catarina Plateau (UNIPLAC), in the city of Lages, SC. Self-medication is the practice of using drugs without prescription and / or supervision of medical professionals. Despite erroneous and dangerous, it is quite common and increasingly frequent in the academic and social environment. The survey was conducted by applying 42 questionnaires to collect sociodemographic data of each subject, as well as information about the practice of self-medication for the same by accepting and signing the informed consent (Informed Consent and Informed). Where 76.19% of the participants were female; 92.86% had average family income exceeding 4 minimum wages; 90,48% reported practicing self-medication and of these more than 40% of frequent form. Another worrying statistic refers to the knowledge of bull of drugs, where almost a third of the participants were unaware of bull and consequently the possible side effects and adverse reactions of the same. Based on the analysis of the results and the literature review, it appears that the lack of more stringent legislation in the control of dispensing drugs, a fact that currently only occurs with some drug classes, coupled with the frequent presence of drug without the advice request an appropriate clinical examination, are the main contributing factors in order to feed the culture of self-medication.

Keywords: Self-medication; Health professionals; Medicine course.

Resumen

El estudio buscó investigar la práctica de la automedicación en profesionales que trabajan en el curso de medicina en la Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC), en la ciudad de Lages, SC. La automedicación consiste en la práctica de usar medicamentos sin la prescripción y / o supervisión del profesional médico. Aunque es erróneo y peligroso, es bastante común y cada vez más frecuente en el entorno académico y social. La investigación se llevó a cabo mediante la aplicación de 42 cuestionarios para recopilar datos del perfil sociodemográfico de cada entrevistado, así como información sobre la práctica de la automedicación por parte de ellos, al aceptar y firmar el Formulario de consentimiento libre e informado. Donde el 76.19% de los participantes eran mujeres; El 92.86% tenía un ingreso familiar promedio por encima de 4 salarios mínimos; 90, 48% dijeron que practican la automedicación y más del 40% de ellos con frecuencia. Otro dato preocupante se refiere al conocimiento de la lista de medicamentos, donde casi un tercio de los participantes desconocían la lista de medicamentos y, en consecuencia, los posibles efectos secundarios y sus reacciones adversas. Según un análisis de los resultados y una revisión de la literatura, parece que la falta de una legislación más estricta en el control de la dispensación de drogas, un hecho que actualmente ocurre solo con algunas clases de drogas, junto con la presencia frecuente de sugerencias de drogas sin la solicitud de un examen clínico adecuado, son los principales factores que contribuyen a alimentar la cultura de la automedicación.

Palabras clave: Automedicación; Profesionales de la salud; Curso de Medicina.

1. Introdução

A automedicação é a condição em que o paciente faz o uso de medicamentos, sem prescrição médica e, portanto, sem indicação ou supervisão médica (Rey, 2003). Esta é uma prática comum, vivenciada por civilizações de todos os tempos, com características peculiares a cada época e a cada região (Silva, et al., 2013).

Mesmo que os medicamentos usados sejam de venda livre, não são isentos de riscos. O ato de automedicar-se pode trazer prejuízos à saúde como reações de hipersensibilidade, dosagem ineficiente ou excessiva, iatrogenia, alteração do padrão evolutivo da doença, mascarar ou agravar doença de base, dependência medicamentosa, intoxicação grave, entre outros (Moraes, Bernardina, Andriato, Dalvi & Loyola, 2018).

Os medicamentos são o principal agente causador de intoxicação em seres humanos no Brasil, ocupando, desde 1994, o primeiro lugar nas estatísticas do Sistema Nacional de

Informações Toxicológico-Farmacológicas – SINITOX. Nos últimos cinco anos, o Brasil registrou mais de 120 mil casos de intoxicação medicamentosa, segundo o Ministério da Saúde (Sinitox/Fiocruz). No ano de 2017, foram 20.637 pessoas internadas, dentre elas 397 eram por intoxicação por automedicação. E, neste mesmo ano, foram registrados 11490 casos de intoxicação na região Sul, especificadamente em Florianópolis com 4086 casos e Porto Alegre com 7404 (SINITOX, 2017).

Dentre os fatores determinantes à automedicação, as condições de trabalho merecem destaque, pois foi observado o uso indiscriminado e irracional de medicamentos, entre os profissionais de saúde de nível superior em estudo, com esses profissionais de 39 serviços da atenção básica, da cidade de Pelotas (Rio Grande do Sul, Brasil), onde, independentemente de ter problema de saúde, 67% dos entrevistados faziam uso de medicamentos regularmente. Um quarto dos participantes costumava automedicar-se, sendo significativamente maior a prevalência entre médicos e outros profissionais de nível superior, entre os trabalhadores de maior nível socioeconômico e entre aqueles com mais de um emprego (Bataier, Pegorete, Lawall & Calvacanti, 2017).

Tomasi, *et al.* (2007), identificaram que entre os profissionais de saúde que eram adeptos dessa prática destacam-se médicos, enfermeiros e odontólogos devido ao fato que estes profissionais constituem um grupo de trabalhadores vulneráveis a automedicação, devido à interação entre habilidades técnicas (compreensão do processo saúde-doença), relações interpessoais e crescentes responsabilidades (Tomasi, et al., 2007).

Diante deste cenário, fez-se necessário aferir a real situação no que tange a automedicação por parte dos profissionais da área da saúde, que atuam nos diversos cenários do curso de Medicina da UNIPLAC (Tutorias, Laboratório morfofuncional, Laboratório de Práticas Profissionais, Ambulatório da UNIPLAC, Unidades Básicas de Saúde e Hospitais do Município).

O presente estudo teve como objetivo geral analisar a prática da automedicação nos profissionais da área da saúde que participam do curso de Medicina da UNIPLAC no Município de Lages, SC e como objetivos específicos: coletar dados através da aplicação de um questionário para identificar a frequência da prática da automedicação; compreender as justificativas que levam os profissionais da área da saúde a realizarem tal ação; verificar se os entrevistados ao automedicar-se leem a bula do medicamento e se há consciência dos riscos de tal prática; estabelecer possíveis relações sobre a atuação profissional na área da saúde e o fácil acesso a medicamentos sem prescrição médica; identificar as classes dos medicamentos

que são utilizados pelos profissionais e gerar conhecimento sobre a utilização dos medicamentos, a importância da leitura da bula e a não prática da automedicação.

2. Metodologia

A pesquisa adotou um modelo de estudo do tipo transversal, descritiva. Os dados obtidos através de um questionário, que foi aplicado aos profissionais da área da saúde atuantes nos cenários de aprendizagem do Curso de Medicina da UNIPLAC (hospitais, Unidades Básicas de Saúde, ambulatórios, pronto atendimentos no Município de Lages, Santa Catarina). As informações foram obtidas por meio da aplicação do questionário nos encontros semanais de docentes realizados no Centro de Ciências da Saúde da UNIPLAC.

A pesquisa pretendia atingir uma amostra de 100 profissionais que atuavam no curso de medicina da UNIPLAC, porém a amostragem efetiva de participação foi de 42 profissionais da saúde (Professores da tutoria, laboratório Morfofuncional, Laboratório de Práticas Profissionais, Ambulatório, Unidades Básicas de Saúde dos bairros e Hospitais do Município de Lages) atuantes no curso de Medicina da UNIPLAC. Os questionários foram aplicados em amostra casual simples com partilha proporcional correspondente dos profissionais com idade superior a 18 anos, de ambos os sexos e que estavam voluntariamente de acordo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) no período dos meses de maio à outubro do ano de 2015.

Com o instrumento de um questionário, pesquisou-se primeiramente o perfil sociodemográfico dos profissionais, coletando informações como idade, sexo, renda e profissão, em um segundo momento, o enfoque do questionário referente ao cotidiano do profissional, onde buscou-se saber detalhes da prática da automedicação verificando vários fatores, como por exemplo, motivos, frequência, tipo de medicamento, leitura prévia da bula, e gastos com a aquisição.

O cálculo das variáveis foi a estatística descritiva, observada através da distribuição de frequências; investigações das características das variáveis em estudo associadas ao consumo de medicamentos.

3. Resultados e Discussão

A Tabela 1, refere-se ao perfil socioeconômico, demonstrando que 76,19% dos entrevistados pertencem ao sexo feminino, fato que denota a maior adesão das mulheres à

prática da automedicação e pode-se verificar também que a faixa etária entre 41 e 50 anos de idade como a mais prevalente na amostra de participantes. A renda mensal média, ficou acima de 4 salários mínimos em 92,86% dos questionários aplicados enquanto que aproximadamente três quartos dos entrevistados possuíam plano de saúde privado.

Estes dados sugerem uma forte relação entre uma condição financeira estável e maior acesso aos medicamentos ofertados em livre demanda nas drogarias de nosso país.

Tabela 1. Distribuição de frequência segundo o perfil sociodemográfico dos profissionais entrevistados que atuam no curso de Medicina da UNIPLAC/Lages-SC.

| Perfil socioeconômico | Fi | Fi(%) |
|--|-----------|--------------|
| Sexo | | |
| Masculino | 10 | 23,81 |
| Feminino | 32 | 76,19 |
| Total | 42 | 100% |
| Idade (anos) | | |
| < 30 | 3 | 7,14 |
| 31 a 35 | 7 | 16,67 |
| 36 a 40 | 5 | 11,90 |
| 41 a 50 | 15 | 35,71 |
| >50 | 12 | 28,57 |
| Total | 42 | 100% |
| Profissão | | |
| Médico | 25 | 59,52 |
| Enfermeiro | 6 | 14,29 |
| Farmacêutico | 2 | 4,76 |
| Outras | 9 | 21,43 |
| Total | 42 | 100% |
| Renda Familiar (salários mínimos) | | |
| Até 4 | 3 | 7,14 |
| Acima de 4 | 39 | 92,86 |
| Total | 42 | 100% |
| Possui plano de saúde privado | | |
| Não | 12 | 28,57 |
| Sim | 30 | 71,43 |
| Total | 42 | 100 |

Fonte: Autores.

A Tabela 2 demonstra os dados da distribuição de frequência da prática da automedicação por parte dos entrevistados. Em 2017, Bataier, *et al.*, realizaram um estudo a respeito desta prática entre docentes do Campus Universitário de Sinop, no Estado do Mato Grosso. Os dados por eles obtidos mostram que a maioria dos participantes se baseiam em receitas médicas antigas para a prática da automedicação e em mais da metade dos casos, o uso dos medicamentos ocorria devido a indicação de medicamentos por terceiros, familiares, colegas e/ou amigos e não profissionais médicos ou por informações contidas na internet e propagandas na televisão (Bataier, et al, 2017).

No presente trabalho este cenário mostrou-se relativamente diferente, pois 88,10% dos participantes da pesquisa não reutilizaram receitas médicas passadas para obter novas medicações e ainda, muito embora quase três quintos dos entrevistados tenham obtido tais medicamentos diretamente na farmácia, cerca de um quinto da amostra não fez a aquisição de medicamentos sem a apresentação de uma receita médica para este fim. A presente tabela mostra ainda que 85,71% dos participantes da pesquisa afirmam ter obtido melhora na qualidade de vida ao automedicar-se, ao passo que mais de um quarto destes não realizaram a leitura do bulário do medicamento antes de seu uso.

No ano de 2018, na cidade de Fernandópolis, no estado de São Paulo, Tognoli, *et al.*, analisaram a presença da automedicação em acadêmicos do curso de Medicina de Instituição Privada, do primeiro ao quarto ano. Neste estudo, haviam 320 participantes, com média de 21 a 23 anos, dos quais 96,56% (n=309) dos alunos afirmaram realizar automedicação. Os medicamentos mais utilizados foram para tratamento de cefaleias (83,82%), mialgia (77,02%) e resfriado comum (68,93%). Com esse estudo, espera-se que os acadêmicos tomem atitudes conscientes que favoreçam uso racional dos medicamentos, uma vez que futuramente serão profissionais da área da saúde e deverão realizar orientações corretas quanto ao uso racional dos medicamentos (Tognoli, et al., 2018).

Nesse estudo, alguns exemplos de variáveis apresentadas pelos estudantes foram: não haver necessidade de indicação médica para os fármacos escolhidos; usavam por não ser exigido prescrição; informações sobre efeitos dos fármacos com familiares, amigos; por experiência prévia com o medicamento, entre outros (Tognoli, et al., 2018).

Tabela 2. Distribuição de frequência segundo o uso de automedicação dos profissionais entrevistados que atuam no curso de Medicina da UNIPLAC/Lages-SC.

| Indicadores | Fi | Fi(%) |
|---|-----------|--------------|
| Já se automedicou? | | |
| Não | 4 | 9,52 |
| Sim | 38 | 90,48 |
| Total | 42 | 100% |
| Ao automedicar-se leu a bula previamente | | |
| Não | 13 | 30,95 |
| Sim | 27 | 64,29 |
| Não responderam | 2 | 4,76 |
| Total | 42 | 100% |
| Realiza automedicação com que frequência | | |
| Nunca | 1 | 2,38 |
| Uma vez | 0 | 0,00 |
| Frequentemente | 17 | 40,48 |
| Raramente | 23 | 54,76 |
| Não respondeu | 1 | 2,38 |
| Total | 42 | 100% |
| Ao automedicar-se | | |
| Melhorou sua qualidade de vida | 36 | 85,71 |
| Sentiu alguma reação adversa | 1 | 2,38 |
| Piorou | 1 | 2,38 |
| Não respondeu | 4 | 9,52 |
| Total | 42 | 100% |
| Quais os fatores que influenciam a sua automedicação | | |
| Televisão | 0 | 0,00 |
| Rádio | 0 | 0,00 |
| Vizinhos | 0 | 0,00 |
| Familiares | 1 | 2,38 |
| Contato com profissionais da área da saúde | 27 | 64,29 |
| Médicos com conhecimento do medicamento | 8 | 19,05 |

| | | |
|---------------|----|------|
| Outros | 3 | 7,14 |
| Não respondeu | 3 | 7,14 |
| Total | 42 | 100% |

Onde adquiriu medicamentos sem prescrição

médica

| | | |
|------------------------------------|----|-------|
| Não adquiriu sem prescrição médica | 9 | 21,43 |
| Diretamente de farmácias | 24 | 57,14 |
| Através de parentes e amigos | 3 | 7,14 |
| Compra de intermediários | 0 | 0,00 |
| Reutilizou sobras de medicamentos | 2 | 4,77 |
| Não respondeu | 4 | 9,52 |
| Total | 42 | 100% |

Reutilizou receitas antigas

| | | |
|-------|----|-------|
| Não | 37 | 88,10 |
| Sim | 5 | 11,90 |
| Total | 42 | 100% |

Fonte: Autores.

A Tabela 3 demonstra algumas variáveis sobre automedicação, na qual a primeira refere-se a profissão do entrevistado, onde se verificou que 71,43% considera sua profissão estressante, além de que dois terços dos entrevistados fizeram uso de mais de um medicamento industrializado ou não, sem prescrição médica ao mesmo tempo e os gastos mensais médios com a automedicação ultrapassou R\$ 50,00 em um em cada cinco entrevistados.

Em 2007, Tomasi, *et al.*, realizaram um estudo acerca das condições de trabalho e da automedicação em profissionais da rede básica de saúde da zona urbana de Pelotas, no estado do Rio Grande do Sul. Neste estudo um quarto costumava automedicar-se, significativamente em maior proporção entre médicos e outros profissionais de nível superior, entre os trabalhadores de maior nível socioeconômico e entre aqueles com mais de um emprego. (Tomasi, et al., 2007).

Diante do quadro analisado e a presente convergência de informações, faz-se necessário um maior rigor no controle dos medicamentos disponíveis para a venda em nosso

país e ainda mais vigilância na publicidade e propaganda de certos medicamentos anunciados fortemente pela mídia televisiva e através do rádio.

Tabela 3. Distribuição de frequência segundo o uso de automedicação dos Profissionais entrevistados que atuam no curso de Medicina da UNIPLAC/Lages-SC.

| Indicadores | Fi | Fi(%) |
|--|-----------|--------------|
| Você considera sua profissão estressante | | |
| Não | 12 | 28,57 |
| Sim | 30 | 71,43 |
| Total | 65 | 100 |
| Fez uso de mais de um medicamento industrializado ou não, sem prescrição médica | | |
| Não | 28 | 66,66 |
| Sim | 14 | 37,33 |
| Total | 42 | 100 |
| Já reutilizou receitas antigas | | |
| Não | 37 | 88,10 |
| Sim | 5 | 11,90 |
| Total | 42 | 100 |
| Gasto mensal aproximado com automedicação | | |
| 0 a 20,00 | 25 | 59,52 |
| 21 a 50,00 | 8 | 19,05 |
| Mais de 50,00 | 9 | 21,43 |
| Total | 42 | 100% |

Fonte: Autores.

A classe de medicamento mais utilizado sem prescrição foi o analgésico, na sequência o antipirético. Antiácidos e vitaminas ficaram em quarto lugar, seguidos por antibióticos, conforme demonstra a Tabela 4. De todos os entrevistados, quase a metade utilizou mais de uma classe medicamentosa, sendo que os analgésicos e antiácidos (26,19%) e os analgésicos e

antipiréticos (26,19%) foram os grupos que tiveram o maior percentual, seguidos do uso dos analgésicos conjuntamente às vitaminas (23,81).

Tognoli, *et al.* (2019), apontaram como a principal causa da automedicação o uso de analgésicos para cefaleia, enquanto que no estudo de Bataier, *et al.* (2017), descobriu-se que a maioria dos entrevistados se valiam de tal prática a fim de obter analgesia para a dor, fatos que convergem com o presente estudo e apontam para o uso indiscriminado de analgésicos devido à cultura nacional da medicalização da vida e ainda ao fácil acesso a tais medicamentos nas farmácias, tudo isso associado a forte influência da mídia televisiva que traz a cada dia novos medicamentos com forte apelo publicitário. Os medicamentos psicotrópicos não foram citados pelos entrevistados, o que demonstra o rigor do controle na venda destes medicamentos em nosso país (Tognoli, *et al.*, 2019; Bataier, *et al.*, 2017).

Tabela 4. Distribuição de frequência segundo o tipo de medicamento usado pelos Profissionais entrevistados atuam no curso de Medicina da UNIPLAC/Lages-SC.

| Indicadores | Fi | Fi(%) |
|---|-----------|--------------|
| Tipo de medicamento que costuma usar sem receituário | | |
| Analgésico | 20 | 47,62 |
| Antipirético | 13 | 30,95 |
| Antibiótico | 4 | 9,52 |
| Antiácidos | 11 | 26,19 |
| Ansiolíticos | 0 | 0,00 |
| Antidepressivos | 1 | 2,38 |
| Reguladores de apetite | 1 | 2,38 |
| Reguladores do sono | 2 | 4,76 |
| Anfetaminas | 0 | 0,00 |
| Tranquilizantes | 1 | 2,38 |
| Vitaminas | 11 | 26,19 |
| Outros | 1 | 2,38 |
| Total | 65 | 100% |

Fonte: Autores.

4. Considerações Finais

O presente estudo buscou aferir o atual cenário no que se refere a prática da automedicação por parte dos profissionais que atuam no curso de Medicina da Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC). A cultura da automedicação no Brasil ainda é presente. É necessário transformar a forma de promover a conscientização e o esclarecimento da população para que a redução da prática da automedicação seja efetiva. Com base na análise dos resultados, constatou-se que a dispensação de medicamentos sem controle de receita, analgésicos e antipiréticos, são utilizados, aliados a frequente de sugestões medicamentosas sem a solicitação de um exame clínico adequado, são os principais fatores que contribuem para a cultura da automedicação.

Referências

Arrais P.S.D.; Fernandes M.E.P.; da Silva Dal, Pizzol T.; Ramos L.R.; Mengue S.S. & Luiza V.L. (2016). Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados. *Rev. Saúde Pública, São Paulo, 50 (supl2):13s*. Acesso em 10 de abril de 2020, de <https://www.scielosp.org/pdf/rsp/2016.v50suppl2/13s/pt>.

Bataier V.S.; Pegorete T.R.; Lawall P.Z.M. & Calvacanti P.P. (2017). Automedicação entre docentes de nível superior. *Revista Enfermagem Atual, 81*. Acesso em 16 de abril de 2020, de <http://docs.bvsalud.org/biblioref/2019/10/1023892/automedicacao.pdf>

Galato, D. et al (2012). Automedicação em estudantes universitários: a influência da área de formação. *Ciência & Saúde Coletiva, 17 (12): 3323-3330*. DOI/10.1590/S1413-81232012001200017.

Moraes L.G.; Bernardina L.Z.; Andriato, L.C.; Dalvi L.R. & Loyola Y.C. (2018). Automedicação em acadêmicos de Medicina. *Rev. Sociedade Brasileira de Clínica Médica, Espírito Santo, 16 (3): 167-70*. Acesso em 10 de abril de 2020, de <http://www.sbcm.org.br/ojs3/index.php/rsbcm/article/view/361/323>.

Neto, J.A.C. et al (2006). Automedicação entre Estudantes da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora. *HU Rev, Juiz de Fora*, v.32, n.3, p.59-64. Acesso em 10 de abril de 2020, de <https://periodicos.ufjf.br/index.php/hurevista/article/view/18/13>.

Ogawa, A.I. et al (2001). Estudo comparativo sobre a automedicação em estudantes do segundo ano enfermagem e medicina e moradores do bairro Vila Nova. *Rev Espaço para saúde*, 2 (3): 23-9.

Pachelli, C.A. (2003). A propaganda de medicamentos e a prática da automedicação no Brasil. *RAP Rio de Janeiro* 37(2):409-25.

Rey, L. (2003). *Dicionário de Termos Técnicos de Medicina e Saúde*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan AS.

Schmid, B. et al (2010). A automedicação em adultos de baixa renda no município de São Paulo. *Revista Saúde Pública, São Paulo*, 44(6): 1039-45. DOI/10.1590/S0034-89102010000600008.

Silva, J.A.C.; Gomes, A.L.; Oliveira, J.P.S.; Sasaki, Y.A.; Maia, B.T.B. & Abreu, B.M. (2013). Prevalência de automedicação e os fatores associados entre os usuários de um Centro de Saúde Universitário. *Rev Bras Clin Med. São Paulo*, 11(1):27-30. Acesso em 12 de maio de 2020, de <http://www.sbcm.org.br/revistas/RBCM/RBCM-2013-01.pdf>

SINITOX (2017). Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas. Rio de Janeiro. *Dados de Intoxicação*. Acesso em 13 de abril de 2020, de <https://sinitox.iciet.fiocruz.br/dados-nacionais>.

Tognoli T.A.; Tavares V.O.; Ramos A.P.D.; Batigália F.; Godoy J.M.P. & Ramos R.R. (2019). Automedicação entre acadêmicos de medicina de Fernandópolis – São Paulo. *J Health Biol Sci*. 7(4):382-386. Acesso em 16 abril 2020, de <http://dx.doi.org/10.12662/2317-3076jhbs.v7i4.2571.p382-386.2019>

Tomasi E.; Sant'Anna G.C.; Oppelt A.M.; Petrini R.M.; Pereira I.V. & Sassi B.T. (2007). Condições de trabalho e automedicação em profissionais da rede básica de saúde da zona

urbana de Pelotas, RS. *Rev Bras Epidemiol.* 10(1): 66-74. DOI/10.1590/S1415-790X2007000100008.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Luis Felipe Stella Santos – 40%

Marli Adelina Souza – 40%

Pâmela Mayara da Silva Casseiro – 10%

Patrícia Alves de Souza – 10%